

**AS DUAS FACES DE JANUS:**  
A cidade de Aracaju nas festas de Ano Novo (1900-1950)<sup>1</sup>

**THE TWO SIDES OF JANUS:**  
Aracaju city in the New Year celebrations (1900-1950)



MAGNO SANTOS  
Doutorando PPGH-UFF.  
Niterói, RJ -Brasil  
[magnohistoria@gmail.com](mailto:magnohistoria@gmail.com)

**Resumo:** O Natal era a principal festa do calendário aracajuano. As celebrações ocorriam ao longo de trinta dias, envolvendo o novenário em preparação à festa da padroeira, Nossa Senhora da Conceição, até a festa de Santos Reis, com a procissão de São Benedito. Esses festejos são o foco central desse artigo, que tem como propósito discutir a construção das representações de tradição e modernidade aferidas a tais solenidades na cidade de Aracaju. Nesse sentido, por meio do registro de memorialistas e de fotografias, tornou-se possível compreender a legitimação social da nova capital sergipana por meio de suas festividades.

**Palavras-chave:** Festa. Aracaju. Cidade.

**Abstract:** Christmas was the main festival calendar Aracaju. The celebrations took place over thirty days, involving novenário preparing the feast of the patron saint, Our Lady of Conception, until the feast of the Holy Kings, with the procession of St. Benedict. These celebrations are the central focus of this article, which aims to discuss the construction of representations of tradition and modernity measured to such ceremonies in the city of Aracaju. Accordingly, by recording of memoirs and photographs, it became possible to understand the social legitimacy of the new capital of Sergipe through its festivities.

**Keywords:** Party. Aracaju City.

---

<sup>1</sup> Artigo submetido à avaliação em 11/02/2012 e aprovado para publicação em 09/05/2012

## Introdução

Janus é o deus romano das portas. A sua iconografia apresentava um homem com duas faces, uma voltada para trás, o passado; outra voltada para frente, o futuro. Por esse motivo, ele era responsável por abrir as portas do ano, pois suas faces se voltavam para dois lados diferentes e, pelo mesmo motivo, ele era a divindade romana responsável pela passagem do ano. De seu nome originou-se o mês de janeiro.

Todavia, Janus é uma divindade mais complexa do que aparenta ser. Ele expressa o limiar, a transição, a passagem de uma fase a outra, e isso acarreta na construção de um significado relativamente polêmico, pois passado e presente seriam construções atreladas ao mesmo processo, desencadeadas em conjunto, apesar de serem vistas por olhares aparentemente antagônicos. Além disso, a sua iconografia revela alguns aspectos atinentes ao foco desse artigo, levando-se em consideração que as duas faces refletem um ser dividido, partilhado entre o passado e o porvir.

Esse artigo versa sobre a constituição das representações de modernidade para a cidade de Aracaju através de suas festividades natalinas que, na primeira metade do século XX, duravam cerca de trinta dias, envolvendo a festa da padroeira, Nossa Senhora da Conceição, no dia 8 de dezembro, até a procissão de São Benedito, no dia seis de janeiro. Eram festividades celebradas entre o ano velho e o ano novo, evidenciando os elementos de uma cidade projetada para ser ícone da modernidade e que se travestia no apelo à tradição.

Certamente, o ponto alto das solenidades era a famosa procissão de Bom Jesus dos Navegantes, considerada pelos cronistas como a principal celebração católica da capital sergipana (CABRAL, 2002). Apesar de sua relevância e do seu poder de mobilização dos moradores da cidade e do interior, a festa de Bom Jesus prevaleceu por um longo período silenciada, ignorada pelos estudiosos da “Terra de Serigy”. Um dos principais folcloristas de Sergipe, Paulo de Carvalho Neto, lastimava a ausência de estudos sobre os festejos de Ano Novo de Aracaju:

Continuam sem registros globais, infelizmente, os nossos mui tradicionais e famosos festejos do ciclo do Natal. Com efeito, não conhecemos, até hoje, descrições completas da nossa “Feirinha do Natal” e da nossa “Procissão de Bom Jesus dos Navegantes”. Aquela com seus autos dramáticos, a sua “rua do Egípto”, os seus cegos esmoleres, a sua burguesia, a sua missa do galo.. Esta, na tarde do primeiro dia de cada ano, com as suas canoas apostando corrida, seus saveiros engalanados de bandeirinhas, apinhados de fiéis, seus foguetes espoucando no ar e fazendo o povo olhar pro céu, aplaudir, dar vivas ao santo... (CARVALHO NETO, 1994, p. 89).

As festividades descritas pelo folclorista evidenciam um traço que, aparentemente, destoa da construção imagética da cidade de Aracaju nos primeiros decênios do século XX.

Trata-se dos “tradicionais” festejos permeados de personagens populares. A cidade que foi construída sob os auspícios da modernidade, dos padrões de civilização da segunda metade do século XIX, apresentava como principal festividade o seu lado prosaico e provinciano. O folclorista também enuncia que as festividades do Natal e de Bom Jesus dos Navegantes estavam interligadas, constituindo um único ciclo de celebrações. Nesse caso, penso que, nas festas de fim de ano, a cidade de Aracaju passava por um processo semelhante ao que foi constatado por Martha Abreu no seu estudo sobre as celebrações do Divino Espírito Santo no Rio de Janeiro, que perpassavam quase um mês envolvendo a festa do Divino e a festa de Senhora Santana (ABREU, 1999).

Assim, São Cristóvão, primeira capital de Sergipe, simbolizava o passado, com seu casario e as suas festas religiosas pomposas que atraíam romeiros de variadas localidades. Aracaju simbolizava o futuro: moderna e capaz de aglutinar os anseios da elite açucareira. Na descrição dos cronistas, a cidade do Aracaju passava de colônia de pescadores “a cidade moderna, de edificações sem pompa, mas graciosa, de ruas largas e bem traçadas, de escolas, fábricas e oficinas, centros culturais e sociais, tudo atestando o surto de seu progresso e o grau de cultura da sua gente” (SAMPAIO, 1954, p. 123).

Diante dessa digressão, a historiografia sergipana consolidou uma versão que apresenta a cidade de Aracaju como sinônimo da modernidade que era constituída no país, todavia, sem mensurar as interfaces que permearam a construção histórica de tal pressuposto. Afinal, na nova capital sergipana havia espaço para a tradição? O que seria essa modernidade que se pretendia implantar nas terras de Serigy? Tem como perceber as frestas de tradições da cidade nos seus primeiros decênios? E, além disso, quais eram os atores sociais que habitavam o Aracaju entre o final do século XIX e início do século XX?

Essas indagações têm como mérito fazer repensar o ideal de modernidade aferido à nova capital sergipana. Para que isso se torne possível, é preciso entender quais eram os primeiros habitantes da nova cidade e até que ponto as práticas culturais de suas respectivas localidades originárias foram transportadas e recriadas em Aracaju. Além disso, o quadrado de Pirro<sup>2</sup> foi projetado em uma área próxima ao antigo povoado de Santo Antônio do Aracaju, que era habitado principalmente por pescadores. Eram moradores que possuíam práticas culturais e religiosas que não permaneceram silenciadas, como a historiografia local muitas vezes evidencia.

---

<sup>2</sup> O Quadrado de Pirro é a forma como é chamado o trecho inicial em que foi edificada a cidade de Aracaju. O engenheiro responsável pelo projeto da capital, José Sebastião Pirro, traçou as primeiras ruas da cidade como um tabuleiro de xadrez, formando quadras que avançavam a partir do rio Sergipe com a rua da Aurora.

Nesse sentido, a cidade de Aracaju deve ter promovido uma simbiose das práticas culturais de duas áreas específicas: a primeira refere-se à população local que vivia no povoado Santo Antônio do Aracaju. A segunda era proveniente dos grupos sociais que, paulatinamente, adentraram na nova capital, vindos do interior sergipano ou da antiga capital. Nos dois casos, evidencia-se que homens e mulheres adentravam na cidade com uma bagagem cultural. Isso me leva a pensar que as práticas culturais difundidas em Aracaju nos primeiros anos após a mudança da capital foram trazidas pelos novos moradores, recriando festas e solenidades em torno de devoções já conhecidas em outras localidades.

Aracaju não foi surgido no ocaso, mas sim foi edificada num plantel cultural comum da época, provocando recriações, re-elaborações de um universo cultural complexo e diversificado. No tocante à religiosidade, as tradições do povo sergipano do interior da província fizeram-se presentes na jovem cidade. Os memorialistas do Aracaju são enfáticos em ressaltar a influência religiosa na nomenclatura dos logradouros da cidade. Um dos casos é elucidado por Fernando Porto:

Essa Rua João Pessoa foi conhecida de início e durante algum tempo como Rua da Conceição, pelo fato de seu alinhamento passar em frente a uma igreja de N. S. da Conceição, iniciada no tempo do presidente Barbosa, num terreno próximo da antiga Assembléia Legislativa, mas que ficou apenas nos alicerces, encontrados, por volta de 1907, pelo intendente Alcino Barros ao preparar terreno para o Jardim Olímpio Campos (PORTO, 2011, p. 98).

Sob a ótica do memorialista, uma das primeiras ruas da nova capital era denominada Conceição, em decorrência da construção de um de um templo católico da cidade. Aracaju nascia com ruas retilíneas alinhadas nas proximidades do mar, mas no plano cultural reeditava os costumes e devoções da população que vinha das antigas cidades e vilas da província. Provavelmente sobre aqueles alicerces deveriam edificar a igreja matriz da cidade, ideia posteriormente abandonada em virtude da mudança de local para tal empreitada.

Todavia, os aspectos concernentes à devoção dos sergipanos da nova capital não ficaram restritos à construção de templos. Desde os seus primeiros anos, em Aracaju eram realizadas festas solenes em torno de oragos como Nossa Senhora da Conceição, São Benedito, Santo Antônio e, principalmente, Bom Jesus dos Navegantes. O propósito desse artigo é investigar a construção da dicotomia tradição/modernidade nas festas de Natal de Aracaju sob o enfoque da cultura política da primeira metade do século XX.

Com isso, tem-se a intenção de analisar como os ideais de tradição e moderno foram construídos em Aracaju ao longo de sua primeira centúria, tendo como fio condutor a mais importante festa religiosa da cidade. Nesse sentido, parto do princípio de que tanto a

modernidade quanto a tradição são invenções (HOBSBAWM, 1984, p. 9), criações sociais no intuito de constituir significados, de atribuir leituras, de se consolidar leituras comuns de passado e projeções comuns de futuro (GOMES, 2007). Isso possibilita ao historiador inovar na abordagem do seu objeto, entendendo a “ação dos homens no campo do poder e do político, reconhecendo-se a pluralidade e a longa duração dos fenômenos” (SOIHET, 2005, p. 12).

Partindo dessa premissa, busquei construir a reflexão acerca da presença das representações de tradição e modernidade na festa de Bom Jesus dos Navegantes de Aracaju, evidenciando as frestas pela qual a cidade transparece complexa, plural e imersa em diferentes sentidos. Paulatinamente, a cidade construída sob a égide de ser moderna revela-se portadora de expressões culturais vistas como tradicionais, pois “o passado histórico no qual a nova tradição é inserida não precisa ser remoto, perdido nas brumas do tempo” (HOBSBAWM, 1984, p. 10).

Isso somente tornou-se possível em decorrência da retomada do conceito de cultura política pela historiografia, possibilitando a formulação de “interpretações sobre o comportamento político de atores sociais, individuais e coletivos, privilegiando-se seu próprio ponto de vista: percepções, vivências, sensibilidades” (GOMES, 2007, p. 47). Nesse sentido, a festa de Bom Jesus dos Navegantes foi analisada buscando-se reconstituir historicamente elementos que se interpenetram na constituição das práticas de sociabilidades. Ao invés de tentar entender as representações de tradição/modernidade de forma estanques e descontextualizadas, busquei elaborar uma análise em que tais representações se fizeram presentes nas publicações sobre a mais popular festa católica de Aracaju ao longo de sua primeira centúria, pois parti do princípio de que “as idéias não passeiam nuas pelas ruas, elas são levadas por homens (e mulheres) que pertencem eles próprios a conjuntos sociais” (SIRINELLI, 2007, p. 255).

Com isso, a análise está dividida em três momentos. No primeiro, discuti o cenário em que se desenrolava a trama, problematizando a constituição de diferentes espacialidades na cidade de Aracaju entre 1856 e 1950, com uma leitura tecida a partir das descrições realizadas por memorialistas, viajantes e dos registros fotográficos. No segundo momento, analiso os diferentes atores sociais que protagonizavam a festa de Bom Jesus dos Navegantes no referido período, tendo como fulcro documental os textos memorialistas e as notícias dos impressos aracajuanos. Por fim, analisei o enredo da festa, privilegiando os diferentes momentos da celebração e a sobreposição da representação de modernidade sobre a de tradição na cultura política hegemônica.

## 1. O cenário da festa

A festa de Bom Jesus dos Navegantes foi o primeiro e mais relevante evento social que marcou a interlocução entre o povoado Santo Antônio do Aracaju<sup>3</sup> e a nova capital dos sergipanos. Nos dias de festa eram realizadas procissões de um local para outro, promovendo não somente cortejos entre as duas localidades, mas também promovendo o encontro entre diferentes grupos sociais.

A referida festa ocorria conforme um programa que abrangia cerca de quinze dias. Iniciava-se no último domingo do ano, com a procissão que trasladava a imagem do Cristo crucificado da igreja do Santo Antônio até a matriz (posteriormente catedral) de Aracaju. No dia primeiro de janeiro, realizava-se a imponente procissão fluvial pelo estuário do rio Sergipe, com o retorno para a matriz. No domingo subsequente, ocorria a procissão com o retorno da imagem para a Igreja Santo Antônio.

Vista por esse ângulo, a festa de Bom Jesus dos Navegantes constituía uma série de celebrações que integravam as festas de fim de ano da cidade de Aracaju, que iam da festa da padroeira, Nossa Senhora da Conceição, no dia 8 de dezembro até a procissão de São Benedito, no dia 6 de janeiro, passando pelo Natal no Parque. Trata-se da culminância da expressividade cultural da cidade, envolvendo diferentes classes sociais que constituíam seus territórios.

A disposição temporal da festa dos Navegantes fazia com que se utilizasse de dois cenários distintos. O primeiro refere-se ao da abertura e do encerramento, com a Estrada Nova e a Colina do Santo Antônio. O segundo era o núcleo da nova cidade, com o parque Teófilo Dantas, a Ponte do Imperador e a Rua da Aurora. A disposição espacial da solenidade consolidou a duas diferentes representações: a primeira, voltada para o aspecto tradicional, enquanto a segunda, para a modernidade.

De acordo com Fernando Porto, a Estrada Nova possuía um significado relevante no imaginário local, pois “ligava, simbolicamente, o passado ao presente, o antigo povoado a nova cidade, que ao norte terminava na Rua Divina Pastora” (PORTO, 2011, p. 145). Essa atribuição aferida à Estrada Nova por Fernando Porto evidencia que Aracaju apresentava em sua malha municipal a dicotomia passado/presente, pois a urbe refletia o anseio de ser

---

<sup>3</sup> Refere-se à Colina do Santo Antônio, que até 1855 era uma povoação habitada por pescadores. Com a fundação da cidade de Aracaju, às margens do Rio Sergipe, a referida localidade deixou de ser povoação de Socorro para ser povoado da nova capital. O povoado era ligado à cidade por meio da Estrada Nova, “em linha reta, atravessando as areias do Bonfim e seguindo por margens, brejos, riachos e outros acidentes, iniciava-se ‘na encruzilhada da Fonte do Coqueiro’ (início da Avenida Carlos Firpo) e terminava na porta da igreja do povoado” (PORTO, 2011, p. 145).

moderna, com ruas retilíneas, cosmopolita, aberta para além-fronteiras pelo porto. Já a zona rural, representada pelo povoado Santo Antônio, apresentava a permanência do passado, com as ladeiras semelhantes a São Cristóvão. Nesse ínterim, a mudança da capital de São Cristóvão para Aracaju não significou a imediata urbanização da colina, pois o Quadrado de Pirro foi implantado a cerca de três quilômetros da colina, entre os riachos Olaria e do Caborje (PORTO, 2011, p. 145).

É interessante perceber que, ao longo da primeira metade do século XX, a imagem da Colina do Santo Antônio que prevaleceu no imaginário dos aracajuanos foi a de zona rural, tecida pelas rodagens, pelos campos, pelas cercas de arame. A busca pela constituição da civilidade não atingia os arredores da cidade, incluindo o núcleo originário. Um sinal dessa perspectiva é o poema publicado por José Sampaio na Revista de Aracaju em 1962. Na ótica do autor prevalece o saudosismo do marasmo bucólico, burlesco e até mesmo ínclito de pobreza.

Aracaju, na fantasia infeliz  
do seu sonho de menina,  
a cidade imensa, misteriosa,  
enfêitada de luzes multicores,  
como na cidade lendária,  
acabou com você,  
matou sua graça,  
menina da roça!  
Essa casa grande que você mora  
é uma tapera,  
muito mais tapera  
que sua casa de palha  
que ficou vazia de sua graça (SAMPAIO, 1962, p. 244).

O poeta canta a saudade do Aracaju de outrora, das casas de palhas, “da menina da roça”. José Sampaio escreve no momento em que o processo de urbanização da cidade encontrava-se acelerado, com o aumento do êxodo rural e a incorporação dos povoados na malha urbana. Todavia, as memórias sobre a pequena cidade cercada de montanhas de areia e de manguezais permaneciam vigentes na população. Mais uma vez, a relação passado-presente fortalecia-se, tendo em vista que o poema cantava a velha e pequena Aracaju no periódico criado pela prefeitura municipal que tendia a evidenciar ser Aracaju uma capital cosmopolita e de vanguarda cultural.

As transformações no cenário urbano de Aracaju entre o final do século XIX e início do século XX foram registradas por Paul Walle, que percorreu o litoral brasileiro em 1910. O viajante francês buscou descrever o casario, ruas e praças das cidades que visitou, assim como esboçou o registro de flagrantes de comportamentos da população, sempre se voltando para o

que lhe parecia peculiar, excêntrico. Sobre Aracaju, o cronista teceu as seguintes considerações:

Aracaju, capital do Estado de Sergipe, é uma cidade de, no máximo, 30.000 a 32.000 almas, situada na encosta de uma colina, na margem direita do rio Cotinguiba (que é o curso de água mais importante do Estado), a uma dezena de quilômetros do oceano. O acesso a Aracaju por mar é bem difícil, devido à barra do Cotinguiba, o que explica o atraso com que a cidade se tem desenvolvido. Mas nem por isso devemos julgá-la em decadência. Muito ao contrário. Há cerca de uma quinzena de anos, ela tinha ainda o aspecto de um vilarejo, onde as ruas nem sequer eram pavimentadas. Desde então Aracaju progrediu bastante, e seu aspecto geral se transformou, com ruas e praças muitas vezes pavimentadas e arborizadas (WALLE, 2006, p. 110).

A imagem descrita pelo viajante europeu evidencia um jogo de representações que era próprio da época. A cidade foi vista pelo visitante como um lócus de atraso. O autor constata essa situação na perspectiva comparativa em relação às demais localidades já visitadas. Todavia, ao refletir sobre a Aracaju na perspectiva histórica, o autor evidencia outras representações aferidas a localidade, pois a mesma estaria “progredindo”, se “transformando” com o processo de embelezamento e higienização.

O palco central da festa de Bom Jesus dos Navegantes era a Rua da Aurora, também conhecida como Rua da Frente. Era a rua que margeava o Rio Sergipe e era nela que a população aracajuana observava a cada ano o cortejo fluvial da imagem do Bom Jesus no dia primeiro de janeiro. O processo de embelezamento da rua só se efetivou no final do segundo decênio do século XX, visando preparar o espaço para as festividades do primeiro centenário da emancipação política do Estado. De acordo com Fernando Porto,

Os mais profundos melhoramentos na velha Rua da Aurora, agora Avenida Rio Branco, iniciam-se em com o Decreto Estadual nº 688, de 2 de abril de 1919, aprovando os respectivos planos, plantas e projetos, visando as festas do ano seguinte. De início foi construído o cais de proteção e a balaustrada correspondentes à Praça Fausto Cardoso, demolido o velho arco de alvenaria, com o garbo militar de suas ameias, na entrada da Ponte do Imperador, substituído por dois pilonas ornamentados e encimados por duas estátuas de índios, inexplicavelmente segurando lâmpadas elétricas. Em seguida, cais e balaustradas foram levados, para o sul, até a Rua de Estância e, para o norte, até Alfândega, junto com o respectivo passeio de argamassa de cimento (PORTO, 2011, p. 93).

A cidade do Aracaju estava se adequando aos novos padrões de higiene pública e de beleza. O processo de modernização da cidade obedeceu às questões sanitaristas, como também buscou atender aos padrões da estética que vigorava na época, principalmente com influência do ecletismo. A partir dos anos vinte do século XX, a famosa Ponte do Imperador passou a apresentar elementos da arquitetura clássica, justapondo o passado mítico simbolizado pelos índios e a modernidade auspiciada, com as luminárias de vanguarda. Nesse



cenário cerceado pelo confronto constante entre o velho e o novo circulavam os mais diferentes segmentos sociais na Festa de Bom Jesus dos Navegantes, operando a circularidade cultural com diversão, religiosidade e conflitos. Assim, em meio a tantas inovações, o espaço urbano de Aracaju estava pronto para continuar recebendo os diferentes atores da festa.

## **2. Os atores entram em cena**

A Festa de Bom Jesus dos navegantes é registrada pelos cronistas como a mais popular festa da capital. Desde o século XIX, a procissão aglomerava em seus cortejos diferentes segmentos da sociedade sergipana. A historiografia sergipana não deixa dúvidas quanto ao aspecto popular da festa dos Navegantes, mas apresenta uma série de lacunas e silêncios sobre os seus participantes. Afinal, quais eram os festeiros do Bom Jesus em Aracaju entre o final do século XIX e os primeiros decênios do século XX?

Certamente, essa questão não apresenta uma resposta unívoca em decorrência do caráter polissêmico presente na festa. Entre os meses de dezembro e janeiro, o Parque Teófilo Dantas era transformado em espaço de circulação de diferentes segmentos sociais. Todavia, isso não implicava no encontro imediato entre classes distintas. Aparentemente, ocorria algo semelhante às festas do Divino no Rio de Janeiro do século XIX, em que plateias de origens evidentemente diversificadas do ponto de vista cultural e social efetuavam uma indisfarçável apropriação e recriação de produtos culturais e do cenário festivo (ABREU, 1999).

Com isso, percebe-se que a participação popular e da elite aracajuana oscilava de acordo com os dias e horários das celebrações. Isso não significa dizer que não houvesse a confluência de classes distintas nas festas, mas que as mesmas eram protagonizadas por diferentes segmentos a cada momento.

Não tenho como discutir a Festa de Bom Jesus dos Navegantes sem problematizar a participação das diferentes classes sociais que participavam do evento. Nesse sentido, “no estudo da cultura popular, devemos sempre começar por aqui: com o duplo interesse da cultura popular, o duplo movimento de conter e resistir que inevitavelmente se situa em seu redor” (HALL, 2003, p. 249). A participação das camadas populares na festa não ocorria de forma incólume, sem provocar a atenção da elite política do Estado. Havia a preocupação em conter os excessos, em controlar a participação popular nos festejos de Ano Bom (SANTOS; SANTIAGO, 2006, p. 37).

O processo de modernização da festa dos Navegantes envolvia o projeto de controlar a ação das camadas populares. Essa proposta estava presente tanto nas ações do Estado, com a intervenção por meio das reformas urbanas e da vigilância das práticas culturais, como com o

clero, que, ao longo do século XX, passou a exercer um maior controle das práticas religiosas, principalmente no que concerne às práticas ex-votivas.

Partindo dessa aceção, é plausível afirmar que as camadas populares estavam no alvo das atenções na Festa do Bom Jesus. Por um lado, eram apresentadas como um foco de resistência à implantação da modernidade, pois permaneciam com suas práticas de desobriga e tornavam a festa, que deveria ser sinônimo de elegância e bom gosto, em um espaço de pagamento de promessas e superstições. Por outro lado, as autoridades preocupavam-se com o prolongamento das comemorações na madrugada aracajuana, principalmente com os botecos, barracas de jogos e prostíbulos.

Essas ações de desconfiança da elite em relação às camadas populares evidenciam “o processo de moralização das classes trabalhadoras, de desmoralização dos pobres e reeducação do povo” (HALL, 2003, p. 248). Nesse sentido, percebe-se que o povo sempre aparece como objeto de reforma. No caso da Festa do Bom Jesus em Aracaju, o alvo central das reformas eram os frequentadores dos entornos da Catedral, conhecido na época como Rua do Egito (MELINS, 2006, p. 71).

É provável que o Parque Teófilo Dantas fosse o mais movimentado no período de fim de ano. Entre a festa da Conceição e de São Benedito, Aracaju recebia visitantes de várias localidades do interior do Estado, e a Praça da Catedral e suas imediações tornavam-se ponto de encontro. Os memorialistas da cidade foram enfáticos ao descrever a importância do logradouro no campo cultural. Defronte à catedral ocorriam missas e disputas acirradas pela ocupação do espaço. Aos fundos do templo, as brechas para a livre circulação das camadas populares, com jogatinas, bebedeiras e todos os possíveis prazeres que a noite aracajuana da Belle Époque oferecia. Aparentemente, tudo leva a crer que o Parque Teófilo Dantas constituía a síntese dos festejos de fim de ano da cidade, apesar de haver uma distinção espacial.

A visibilidade e busca por legitimação social era notória. Nas primeiras semanas do mês de dezembro, as famílias mais poderosas da cidade enviavam bancos para serem deixados defronte à Catedral, no intuito de poder assistir às solenidades em pleno conforto. Na ótica de Murillo Melins:

Até certa parte, paralela ao rinquê, as famílias tradicionais mandavam colocar bancos guarnecidos de ferro, de cinco ou seis lugares, com os nomes de seus proprietários, a fim de assistirem confortavelmente com suas famílias o desfile de modas, ou aguardarem comodamente a missa do galo celebrada no Átrio da igreja. Dentre alguns nomes, lembramos: João Leal e família, Constâncio Vieira e família, Teodomiro Andrade e família, Cabral Machado e família, Torquato Fontes e família, Elisa Machado e família e tantos outros. Esses lugares eram respeitados por todos. Ali só sentavam os donos e seus convidados (MELINS, 2006, p. 62).

Pelo que se pode perceber, a distinção social na trama da festa era indisfarçável. As famílias apresentadas pelo memorialista como tradicionais eram as que possuíam maior capital simbólico em Aracaju, destacando-se os usineiros, industriais e comerciantes. Nesse sentido, o tradicional refere-se à qualidade de possuidor de riqueza de longa data. A grande circulação de pessoas pela praça era um componente de inestimável relevância, pois diferentes classes sociais desfiavam pelo Parque. Talvez por isso é necessário relativizar a afirmativa de Melins, pois mais importante do que assistir às celebrações no conforto, era a necessidade de ser visto em local de distinção.

Nesse caso, a elite política e econômica estava mais preocupada em ser vista do que assistir de camarote os festejos natalinos e de fim de ano. Nesse caso, a construção do ideal de tradição foi essencial para a elite sergipana assegurar a manutenção de sua cultura política. O passado em que tais famílias estavam ligadas ao poder era usado no presente para angariar legitimação, reafirmação social e política. A apropriação do espaço público pela esfera privada evidenciava que nos festejos populares havia diferenciações, que nem todos possuíam o mesmo poder. Outra estratégia da elite para fortalecer seu prestígio era nos trabalhos voluntários visando angariar fundos para a Igreja. Nesse caso, as mulheres passaram a atuar como protagonistas nas festas do Bom Jesus dos Navegantes, como atesta Melins:

Os bares familiares localizavam-se nas laterais do parque. Os mais conhecidos e freqüentados eram o Bar São José, explorado por senhoras e senhoritas da alta sociedade, as quais, juntamente com outras voluntárias, serviam como garçonetes, indo de mesa em mesa, servindo aos fregueses o caruru, o vatapá, os bolos, as tortas, o guaraná, o uísque escocês, a cerveja e a água de coco. O apurado era revertido para as obras assistenciais da Paróquia São José (MELINS, 2006, p. 65).

Como se pode perceber, as festividades que ocorriam defronte e ao lado da catedral caracterizavam-se pelo controle, pelo teor de apurada modernidade. O processo de civilização (CHARTIER, 1994) constituía-se com o autocontrole dos corpos e das ações. Um ponto interessante é a dualidade das representações femininas constituída pelos cronistas da cidade no contexto da festa de Bom Jesus dos Navegantes. Se o Egito era frequentado por mulheres de “vida livre”, os bares comportados criados pela Paróquia São José eram espaços apropriados para as mulheres “da alta sociedade”.

As duas classes sociais estavam próximas, no mesmo momento, todavia separadas pela produção da estratificação das supostas condutas morais. De um lado estavam mulheres submetidas à regra, de conduta socialmente controlada, e do outro estavam trabalhadoras da noite, tecelãs, pobres em busca da ascensão social. Desse modo, pautando-se em uma

distinção econômica, tecia-se uma distinção cultural e moral (HALL, 2003, p. 249). As mulheres da elite, revestidas pela representatividade da benevolência e da caridade, eram apresentadas como o novo modelo de ser mulher, moldadas pela religiosidade e inseridas nas obras sociais com a distribuição de quitutes e preparação de quermesses.

Essas mulheres da elite aracajuana também eram o alvo das conquistas masculinas. Na moderna cidade do Aracaju, as festas religiosas ainda constituíam o principal momento para buscar amores. Os namoros constituíam uma faceta relevante na Festa de Bom Jesus dos Navegantes, e para isso as jovens da elite da cidade preparavam-se para o grande momento.

As moças aracajuanas, bem como as elegantes senhoritas que vinham das cidades Propriá, Estância, Lagarto, Itabaiana, Capela e outros municípios, aos pares ou trios, de braços dados, faziam o “*footing*”, indo e vindo, desfilando com seus vestidos de tafetá, sedas, brocados, pregueados ou plissados, deixando por onde passavam uma mistura de fragrâncias dos bons perfumes, *Chanel n°5*, *Five O'clock*, Hora Íntima, *Je Reviens* ou *Ma Griffé*, acompanhados pelos olhares ambiciosos dos rapazes, que se portavam às laterais do passeio, com seus cabelos impecavelmente penteados, graças à brilhantina e outros fixadores como o Gumex, trajando suas roupas novas confeccionadas em tecidos nacionais, e linhos diagonais irlandeses, *Taylor, York Street*, S-120 ou em casemiras Aurora, costurados pelas mãos hábeis dos alfaiates de Irmãos Figueiredo, da Casa *Yankee*, pelos Irmãos Porto, Pinheiro, Cícero e Anfiloquio (MELINS, 2006, p. 68-69).

Roupas novas com tecidos de qualidade e perfumes importados faziam parte do repertório de legitimação social. A capital sergipana dos anos quarenta e cinquenta do século XX era apresentada pelos memorialistas como um palco de desfile da vanguarda estadual, um locus de efervescência da cultura sergipana. É por meio dos memorialistas que se torna possível identificar os protagonistas anônimos das festas do ciclo natalino em Aracaju. Paulatinamente, as camadas populares emergiam no cenário, evidenciando práticas que eram combatidas pela elite política e eclesiástica. Certamente, o Egito constituía o principal ponto de convergência dos marginalizados, como evidencia Mário Cabral.

Adiante fica a célebre Rua do Egito, formada ano a ano, por dezenas de botecos, de pequenos bares e restaurantes do povo para o povo, onde se come mão de vaca e tripa de porco a qualquer hora do dia e da noite, zona barulhenta, freqüentada pelos bambas da terra, zona onde se bebem as melhores cachaças de Sergipe e do Brasil, como as de nome Pitu, Combate, Juízo, Murici, Aratu, Mangabil, Azuladinha, Mocotolina e a notabilíssima Januária. Naqueles botequins de pano e cobertos de esteira, há sempre, como sobremesa, os melhores cajus e melancias da cidade. Também é famoso o sarapatel da Rua do Egito (CABRAL, 2002, p. 59-60).

A Rua do Egito era o espaço privilegiado de atuação dos protagonistas anônimos, da gente comum, dos excluídos, e investigar sobre tais personagens propicia o historiador entender a cultura vista de baixo (HOBSBAWM, 1998, p. 216-231). Na narrativa dos memorialistas de Aracaju prevalece a associação dos frequentadores do Egito à cachaça e à

liberdade sexual. Provavelmente, o trecho final do Parque Teófilo Dantas era o espaço da libertinagem, constituindo uma zona oficiosa de rompimento das normas sociais. Isso evidencia que a Festa de Bom Jesus dos navegantes ia além das procissões, missas e quermesses, pois, no período entre dezembro e janeiro, o centro de Aracaju era transformado em espaço de atuação de diferentes segmentos sociais, criando-se uma complexa rede de sociabilidades marcada principalmente pela tessitura cultural multifacetada.

Os atores que atuavam na festa do Bom Jesus não eram exclusivos da festividade religiosa. Eles encenavam seus enredos ao longo de trinta dias, transmutando-se de acordo com a ocasião, local e horário. Em meio a uma realidade tão plural, torna-se extremamente difícil e perigoso buscar identificar os apreciadores da “moça branca” que visitavam a Rua do Egito no Aracaju da primeira metade do século XX. Quem apresenta alguns indícios é o historiador José Calasans, na introdução de seu estudo antológico sobre a cachaça, ao alegar que “grande parte do material empregado por mim coligido entre embarcações, índios da maloca, carroceiros, estivadores e ganhadores de Aracaju” (CALASANS, 1943, p. 89).

Como se pode perceber, os trabalhadores das camadas populares eram os principais fornecedores de dados para os intelectuais de Sergipe da primeira metade do século XX. Certamente, muitos desses populares frequentavam a Rua do Egito e também participavam da principal festa religiosa da cidade. Murillo Melins registra a participação das camadas populares nos festejos da Rua do Egito.

Os botecos ‘fregue-moscas’: Çanta Rita, Tarzan do Egito, Seu Azul, construídos com esteiras, eram freqüentados por carregadores, estivadores e vagabundos. Ali vendiam passarinha, engasga gato, fígado assado e pilombeta. As bebidas eram as aguardentes de má qualidade em infusão com milone, angico, junca, pindaíba, casca de lima e cidreira (MELINS, 2006, p. 71).

É impressionante o quanto a descrição de Melins aproxima-se da descrição metodológica de Calasans, pois os dois intelectuais referem-se ao mesmo grupo social. Em plena cidade moderna, dos bares luxuosos e de bailes “comportados”, a Rua do Egito fervilhava com bebidas populares dos alambiques sergipanos e petiscos muitas vezes vindos do interior do Estado.

Nos bares de Madalena, Branca, Odete, etc., construídos com madeira e cobertos com lonas, bebia-se Juízo, Mocotolina, Chica Boa, Ipê, Galo Negro e comia-se galinha com arroz, moqueca de arraia e cação e o sarapatel, além de diversos tira-gostos (MELINS, 2006, p. 72).

Mesmo na Rua Egito havia distinção. A cachaça, tão apreciada pelos festeiros sergipanos, estava disponível para todos os gostos e, como também era de se esperar, para todos os bolsos. Com isso, ao analisar a dualidade de representações das espacialidades do

entorno da catedral de Aracaju no período da Festa de Bom Jesus dos Navegantes, fica a falsa impressão de que havia uma divisão estagne do uso dos espaços pelas classes sociais antagônicas. Nesse caso, poderia dizer que a festa dos Navegantes apresentava o cenário da regra, da normativa, da conduta socialmente aceita e o cenário do desvio, do desregramento, da resistência das camadas populares. Em parte, essa assertiva tem fundamento. Ao longo do tempo criou-se diferentes representações para as imediações do templo católico de Aracaju e, certamente, uma mulher que fosse considerada “família” não poderia circular livremente pela Rua do Egito. Todavia, nem todos os atores sociais tinham que enfrentar o controle social, pois, com o passar do horário, as fronteiras entre o parque e a Rua do Egito ficavam cada vez mais frágeis e, conseqüentemente, mais propícias de serem ultrapassadas. Para Mário Cabral,

Às duas, às três horas da madrugada, vive ainda, em torno às roletas, uma multidão de viciados, gente que perde todas as noites e todas as noites espera neutralizar o prejuízo em um lance de sorte que não vem nunca. Vendedores de doces, de confeitos, de sanduíches, de gelados, de sorvetes, de pipocas, de roletas de cana e de algodão de açúcar (CABRAL, 2002, p. 59).

Jogadores, bêbados e prostitutas. Na ótica dos memorialistas sergipanos, o Egito era espaço de perdição, de afastamento da conduta moral e civilizada. Era justamente tudo aquilo que as autoridades do Estado desejavam afastar da simbologia da nova capital. Nas madrugadas do Aracaju, nos dias de festa do Bom Jesus, a elite local também buscava os prazeres oferecidos pela Rua do Egito, pois,

Os freqüentadores desses eram os mesmos que horas antes tinham estado no Bar São José, fizeram o *footing*, passaram pelas roletas, e ali estavam juntos com outros boêmios, deleitando-se com as músicas cantadas por João Ribeiro do Bonfim, Dão, Macepa, Raimundo Pelelué, Peroca, acompanhados pelos violões de João de Dó, Macepa e Carnera (MELINS, 2006, p. 72).

Os textos dos memorialistas sergipanos evidenciam que, nas festividades de Ano Bom, mais conhecidas em Aracaju como festas de Natal, os elementos do sagrado eram diluídos na grande esfera profana que envolvia a cidade. Na cidade em que as normas da civilização deveriam ser postas em prática, serem vistas e defendidas, a Rua do Egito transformava-se na válvula de escape, no espaço da permissividade, onde tudo se tornava possível no ocultamento da madrugada. Nesse caso, a tolerância das autoridades em relação a permanência desse espaço de resistência à modernidade não ocorria simplesmente por omissão, mas também porque ali se constituía uma zona de interlocução em que a elite (masculina) buscava saciar sua sede de perversão. Assim, “quando o *footing* acabava, e ficava mais intenso o jogo das roletas, começava a vida noturna animada e divertida, cheia de prazeres e emoções” (MELINS, 2006, p. 72).

O Egito regorgitava de gente, até alta madrugada, depois dos grandes bailes nos clubes, apareciam por lá algum granfino de *smooking*, cheirando a *Bond Street*, arrotando a champanhe francesa do réveillon a saciar-se no Egito, comendo e bebendo com a plebe. Ao redor da estátua, os bancos estavam vazios, só o Egito estava vivendo intensamente, cheio de homens, pensando nos números reluzentes das roletas. Pelas ruas Arauá, Santa Luzia, Capela e Santo Amaro, passavam os bêbados, cambaleantes, cantando canções desconexas que, após a farra, regressavam aos seus lares (MELINS, 2006, p. 73).

Desse modo, seguiam cantando os boêmios do Aracaju:

Já comi e já bebi  
Já molhei minha garganta  
Eu sou como o rouxinol  
Quando bebo, logo canta...

Quem quiser que eu cante bem  
Dê-me uma pinga de vinho  
O vinho é coisa boa  
Faz cantar mais fininho (CALASANS, 1943, p. 91-92).

A assertiva do memorialista revela uma faceta de realce nas festas do Aracaju e que contribui para a operacionalização do conceito de circularidade cultural, defendida por Ginzburg (2006) e Bakhtin (2008). Os diferentes atores sociais circulavam na festa (ou nas festas), consumiam os produtos culturais de origens distintas, todavia sem perder a noção de distinção, pois um homem da elite que frequentava o Egito com *smoking* não passava despercebido em meio à “plebe”. Além disso, havia muitos atores das camadas populares, da “baixa sociedade”, que se apresentavam no palanque entre os bancos das “famílias tradicionais”, como as taieiras, cheganças, cacumbis e reisados (MELINS, 2006, p. 68).

Mais uma vez, a cultura popular fazia-se presente nos festejos de Bom Jesus dos Navegantes. A ideia de tradição perpassava a modernidade aracajuana, com as camadas populares em suas performances nos bares pobres e nos palcos montados no Parque Teófilo Dantas. Todavia, na década de 40 do século XX, os memorialistas apresentam os grupos folclóricos como reminiscências de um passado que insistia em não desaparecer, pois “a chegança e o reisado ainda podem ser admirados nas casas de Zé do Pão, Nanã, Isabel Gorda e de Manoel Nata. Os lambe-sujos eram comandados pelo preto Leandro, que fazia misérias junto aos pés do Coco da Índia” (CABRAL, 2002, p. 61).

Contudo, nos dias de festa do Natal e de Bom Jesus dos Navegantes, o Parque Teófilo Dantas apresentava um atrativo que simboliza toda a circularidade da cultura entre as diferentes classes: era o carrossel de seu Juvenal, “a mais antiga e mais tradicional diversão da criança aracajuana, com negro Tobias, boneco da cor de carvão, ídolo da garotada, que tocava um grande realejo” (CABRAL, 2002, p. 59).

Penso que, nos tempos em que a modernidade era o auge central das autoridades aracaianas e em que a tradição deveria ser um sustentáculo para a manutenção da ordem, o carrossel do Tobias tornava-se o símbolo maior dos festejos, pois conseguia aglutinar diferentes linguagens e representações em torno do ícone de ser moderno. O boneco estava vestido em terno, com movimentos próprios, além de o carrossel ser mecânico e não precisar do esforço dos brincantes como os velhos “barquinhos, aviõzinhos e trivolís” (MELINS, 2006, p. 68). Além disso, o brinquedo moderno foi pensado a partir de elementos bebidos na tradição, como o boneco e o realejo. O giro do Tobias em seu carrossel pode ser lido como a própria circulação da cultura aracaiana e das representações sobre a cidade, em que passado e futuro se encontravam e se confundiam.

O carrossel era o brinquedo da elite, pois “a gente humilde” brincava nas velhas barcas. Mesmo assim, ele povoou o imaginário das crianças da cidade, que sonhavam em poder circular no carrossel ao lado do simpático Tobias. Com apito fino e estridente, o carrossel anunciava o início dos festejos:

Seu Tobias, em pé na plataforma, paletó listrado, camisa vermelha, gravata borboleta, acionando seu realejo através de seu braço mecânico, movimentava a cabeça para os lados. Era a maior atração da garotada. Fila enorme formava-se em frente a bilheteria para a compra de ingresso ao brinquedo. Enquanto o carrossel girava, os funcionários cobradores pombavam e desponjavam recolhendo os ingressos ou cobrando dos que burlaram a vigilância (MELINS, 2006, p. 80).

Mesmo nos espaços socialmente normatizados, as resistências e tentativas de burlar as regras eram constantes. Os atores sociais já estavam prontos. O carrossel já se encontrava girando no Parque. O clero regulador, com o bispo e os frades franciscanos vindos da Alemanha, estava atento ao povo. A elite da cidade assim como as camadas populares encontravam-se dispostas a entrar em cena para a Festa do Bom Jesus dos Navegantes.

### **3. O enredo da Festa**

Como já foi analisado, a Festa de Bom Jesus dos Navegantes em Aracaju envolvia uma multiplicidade de atores e cenários, constituindo uma complexa rede de sociabilidades, representações e apropriações. Era o momento em que “na verdade, aí viviam os populares uma grande festa, em que o sagrado e o profano se mesclavam. Um quadro caleidoscópico resultava dessa variedade de grupos com culturas diversas” (SOIHET, 2002, p. 347-348).

Esse quadro de complexidade e pluralidade sociocultural torna-se denso quando estudado sob o viés histórico, tendo em vista que a Festa de Bom Jesus dos Navegantes, além



de apresentar uma conjectura implexa, intrincada em si mesma, transmuta-se ao longo do tempo, evidenciando a dinâmica própria do bojo cultural. Por conta disso, optei por analisar a referida festa em dois momentos: no primeiro, discuto a procissão de descida da imagem da Colina do Santo Antônio para a catedral. Posteriormente, analiso o ponto alto das celebrações com a procissão fluvial realizada sempre no dia primeiro de janeiro de cada ano.

Essa divisão que estabeleci não buscou apenas tornar a reflexão mais didática, mas, principalmente, tentei investigar o objeto respeitando suas peculiaridades, tendo em vista que as duas procissões aparentam ter atores sociais distintos, ou, na melhor das hipóteses, eram possuidoras de práticas devocionais divergentes.

De qualquer modo, a referida solenidade apresenta-se de forma polifônica. A procissão de Bom Jesus dos Navegantes era a principal solenidade religiosa da cidade, e suas representações transitavam entre a tradição e a modernidade, constituindo um campo de batalha, conflitos em torno das práticas devocionais e do controle das camadas populares. A legitimidade da festa certamente passava por sua longevidade. Na historiografia sergipana, cristalizou-se a hipótese de que a festa nasceu com a cidade do Aracaju. Na visão de Sebrão Sobrinho:

José Freire Pinto tem sangue nas artérias daquele piedoso Manuel Joaquim Fernandes da Luz, amigo do Barão de Maruim e de um dos coadjuvadores da novel capital sergipana, o domador do mar, das encrespadas ondas revoltas que pela ATALAIA ameaçavam sossobrar a cidade do Aracaju, destruindo-lhe os muros protetores, anti-colombianos, os sambaquis egípcios, os aribés fenícios, milenários, doando à Capital de Sergipe a milagrosa imagem do Senhor Bom Jesus dos Navegantes, postando-a na “ermida da Serra”, no Alto de Santo Antônio, de onde sai para a sua brilhante e festiva procissão no poético estuário do Rio-Grande, aplacando os mastins de Netuno (SEBRÃO DE CARVALHO, 1957, p. 317).

Segundo a interpretação do historiador sergipano, a devoção ao Bom Jesus dos Navegantes em Aracaju teria iniciado em decorrência de um voto, ou seja, após os clamores da população da cidade pela proteção contra a fúria do mar, o santo teria intercedido, dando origem às homenagens da população local em agradecimento. Essa narrativa mítica é comum em relação à maior parte dos santuários do Brasil, em que mesclam intervenção divina e desespero humano. Todavia, em uma cidade tratada como moderna e que simbolizava “uma das mais felizes vitórias da geografia” (PORTO, 1944, p. 129), isso soa um tanto estranho. É provável que reflita o anseio de legitimação de uma devoção da nova cidade, como estratégia de legitimar a própria cidade. Lembro que a festa do Bom Jesus teria sido criada entre 1856 e 1857 (NASCIMENTO, 2002), ou seja, nos primeiros anos subsequentes a mudança da capital de São Cristóvão para Aracaju. Além disso, a devoção era em torno do Cristo sofredor, pois a imagem do Senhor dos Navegantes da cidade é a de Jesus crucificado.

O que tudo isso significa? A cultura política sergipana da segunda metade do século XIX buscou criar um enredo dentro dos parâmetros que a população local já conhecia. Mesmo se a hipótese da festa criada por populares for consistente, não tem como negar que a mesma foi apropriada pela elite política, tornando-se uma celebração oficial da província e, posteriormente, do Estado de Sergipe. Na tentativa de se construir um futuro diferente, apelou-se para a tradição, para o passado mítico. Para Fernando Porto, a importância da festa parte de sua antiguidade, do fato dela ter se iniciado nos primeiros anos da cidade.

A tradicional procissão de Bom Jesus dos Navegantes é a mais importante festa de caráter religioso que se realiza no município e ocorre no dia primeiro de janeiro de todos os anos, desde 1857. A procissão é fluvial e a imagem é embarcada na Ponte do Imperador, percorrendo o estuário do rio Sergipe, acompanhada por navios, lanchas, saveiros e canoas, proporcionando um bellissimo espetáculo (PORTO, 1959, p. 240).

A festa é apresentada como um espetáculo, refletindo uma tendência dos historiadores e memorialistas da cidade em transformar a devoção das camadas populares em atrativo, em objeto a ser observado pela peculiaridade, pois, na visão dos intelectuais, essas práticas encontravam-se condenadas a desaparecer ao longo do tempo. Dois elementos que sustentam a tradição da festa é a longevidade (o fato de ter sido criada em 1857) e a manutenção da data de realização, sempre no primeiro dia do ano. Outro ponto que sustentava a ideia de tradição era a participação popular pois,

Nas primeiras décadas do século XX a procissão de primeiro de janeiro já havia se consolidado como o mais importante ato de cunho religioso de Aracaju. Devotos de vários municípios partiam rumo à Capital com o intuito de verem o “Senhor dos Navegantes nos mares de Aracaju” (RIBEIRO, 1957, p. 243).

Todavia, as preocupações acerca de origem da devoção ao Senhor dos Navegantes de Aracaju não foi uma questão restrita aos historiadores e memorialistas. Em 1935, Edgar Maia publicou no Jornal “A República” uma entrevista com um antigo morador da Colina do Santo Antônio sobre a origem das referidas solenidades. Ao indagar sobre a origem da tradição, o popular Chico Feio teria respondido:

Os desembargadores Gustavo Sampaio, Benvindo Lobão e Costa Carvalho, homens de grande nomeada e figuras de relevo do Tribunal, apesar de tudo dispensaram atenções a todos os auxiliares daquela casa e, logo terminados os trabalhos, palestrávamos amistosamente onde veio a baila certa vez o que acaba de procurar meu amigo. Ouvei delles que, quando de um grande temporal desencadeado procuravam transpor a nossa barra, algumas embarcações, naturalmente neste dia e, quase sem esperanças de salvação os navegantes apellaram para deus, e, sob uma exclamação aterradora, invocaram a Bom Jesus para que fizesse parar a tempestade, com o mesmo poder que Elle acalmou a fúria do mar, quando da pesca de que trata da Bíblia. Realizou-se o milagre. Então logo chegados á terra mandaram “trocar” a imagem e pediram a Bom Jesus para que Elle ficasse sendo o padroeiro dos Navegantes. (...) Quando os navegantes lutavam com o mar e apellaram para Bom

Jesus o único ponto de terra que avistavam era este morro, e por isso, acharam que a imagem deveria permanecer aqui (MAIA, 1933, p. 3).

Um depoimento extenso e revelador. Os anos trinta foi o período da construção da identidade nacional, com a constituição de uma política cultural pelo Estado Novo (GOMES, 2003), em que o popular passou a ser visitado pela intelectualidade. Ao contrário de Sebrão Sobrinho, que atrelou à origem da festa a elite política responsável pela mudança da capital, o popular, morador da Colina Santo Antônio, defende a hipótese de que a devoção originou-se entre os pescadores da localidade, diante do perigo imposto pelas intempéries. O uso do popular foi uma tentativa de buscar a controlar as camadas populares sob a lupa e, por que não, recorte da intelectualidade, visando a construção da identidade. Além disso, mais uma vez aparece a circularidade cultural, pois a narrativa mítica declarada pelo “popular” teria sido informada originalmente pelos desembargadores da cidade. Com isso, percebe-se que a narrativa teria partido da elite, circulado oralmente pelas camadas populares até voltar para a elite por meio da imprensa. O mito fortalecia-se e retroalimentava-se.

É interessante perceber que essa narrativa associa a festa ao povo, aos pescadores que necessitavam do auxílio extraterreno, e o entrevistado justifica a permanência da imagem na capela de Santo Antônio pelo fato dela poder ser vista pelos pescadores em alto mar. Penso que, em parte, essa argumentação é lógica e plausível. Todavia, parto do princípio de que a imagem “permaneceu” na capela pelo fato dos pescadores continuarem a vê-la, pois a devoção inicialmente era dos pescadores da colina. Lembro que o entrevistado não diz que a imagem foi depositada na capela, mas sim que permaneceu ali.

São esses pescadores e demais pessoas das camadas populares que se destacavam na procissão da descida da imagem da colina para a catedral. Era o momento da repetição de práticas devocionais comuns nos municípios do interior sergipano, principalmente no que concerne aos ex-votos. Para o historiador Pires Wynne,

Das festas religiosas, vale referência as que se realizavam poucos dias antes da entrada de Ano Novo, descida de Bom Jesus dos Navegantes, do alto do Santo Antônio para a cidade, procissão que arrebanhava toda a população, e logo cedo, pela tarde, começavam os fieis a subir a ladeira escorregadia, íngreme, e depois desciam todos, uns conduzindo o andor, posição muito disputada, e cortando a longa estrada – chamada Estrada Nova, e então caminho arenoso, tendo de um lado e do outro cercas de arame e sítios de mangueiras e cajueiros, com casinhas baixas, muito separadas uma da outra (WYNNE, 1973, p. 431).

Na assertiva do historiador, que teve como temática central a política sergipana, a festa de Bom Jesus dos Navegantes após o natal era uma ocasião de regurgito para as camadas populares, com o sacrifício de subir e descer as ladeiras da Colina do Santo Antônio, além das

intensas disputas pela posse do andor. Um ponto relevante na descrição do autor é a cidade que se revela com seus traços rurais, cercas de arame e fruteiras ao longo da estrada, com características bem distantes do que era apreçoado pela elite. Além disso,

Acompanhava o andor, logo após, a banda de música, e vinham todos, promessas, todos mãos ao alto, abanando, num os fites, alguns carregando feixes de lenha na cabeça, muita gente descalça, pagando movimento de defesa, precavidos contra o interminável foguetório (WYNNE, 1973, p. 431).

A presença das práticas ex-votivas com sacrifícios na Festa de Bom Jesus dos Navegantes do século XX surpreende, pois com a criação da Paróquia Santo Antônio na Colina, os frades franciscanos, vindos da Alemanha, assumiram o controle da devoção e impregnaram o processo de romanização. A aura barroca da festa era notória, com foguetório, pés descalços e feixes de lenha sobre a cabeça. Poucas imagens seriam tão destoantes à modernidade do que devotos adentrando a catedral diocesana com feixes de lenha sobre a cabeça.

A modernidade do Aracaju foi construída com o silenciamento daquilo que era visto como contraditório. Por isso que a busca do material folclórico é de inestimável importância no ofício do historiador que tenta desconstruir “as zonas de sombras, silêncios, não-ditos.” (POLLAK, 1989, p. 10) Isso deve ser analisado com cautela, levando-se em conta que os folcloristas e memorialistas registram o passado com intuítos distintos do historiador, e que se deve levar em consideração que “na história todo significado é um significado dentro-de-um-contexto” (THOMPSON, 2007, p. 243). As práticas devocionais também foram destacadas por Chico Feio,

Cada dia que passa, o número de católicos aumenta. O povo continua a prestar homenagens a Bom Jesus e na trasladação da Imagem para a catedral, no último Domingo de Dezembro, as promessas são pagas, como sejam “pés descalços”, feixes de lenha na cabeça e os imprudentes fogos no ar. No dia primeiro é que vemos as embarcações surtas no porto movimentando-se e seguem a imagem na sua trajetória, abençoando a s águas do Cotinguiba (MAIA, 1933, p. 3).

O popular destaca que se trata de festividades distintas, pelo menos no que concerne aos objetivos. Entendendo-se o contexto dos anos 30 do século XX, percebe-se que Chico Feio evidencia que as práticas penitenciais já eram condenadas e perseguidas pelo clero, pois ele enfatiza que “o povo continua a prestar homenagens”. Dá-se a entender que essa continuação era mais uma resistência do que uma práxis defendida pelos franciscanos. Ele também destaca que o ponto de maior efervescência da festa ocorria no dia primeiro de janeiro, com a procissão fluvial assistida pela população aracajuana às margens do Rio Sergipe, como evidencia Pires Wynne,

No dia primeiro de janeiro, como ainda hoje, o espetáculo da procissão e todas as embarcações ancoradas se movimentavam, embandeiradas, e navios, lanchas, saveiros e canoas percorriam o Rio Sergipe contornando as margens até a entrada da barra, voltando para a margem do rio (WYNNE, 1973, p. 431).

Na procissão fluvial, a cultura histórica hegemônica era reafirmada, pois os elementos constitutivos da modernidade eram reafirmados por meio da ordem pública dos cortejos, do luxo da ornamentação das igrejas e ruas, além da população com vestimentas novas e brancas. Observe a Figura I (MELINS, 2006, p. 85).



A Figura I evidencia a Festa de Bom Jesus nos primeiros decênios do século XX, antes das reformas urbanas do governo de Pereira Lobo. Todavia, o quantitativo de pessoas é consideravelmente elevado, demonstrando que a referida procissão já estava entre as mais agitadas da cidade. O registro fotográfico também registra o encontro de elementos que aproximam tradição e modernidade como o casario imponente e alinhado, as vestimentas elegantes e organização do público, em contraponto com o enredo de uma festa popular e a embarcação simples de pescadores.

Outro ícone da modernidade que foi incorporado ao enredo da festa foi o carro motorizado, que na primeira metade do século XX tornou-se sinal de status, como destaca Melins,

Dia 1º de janeiro – Procissão de Bom Jesus dos Navegantes, saindo da catedral e embarcando na ponte do Trapiche Lima, indo até em frente a Atalaia Nova, acompanhada por centenas de barcos, lanchas, canoas e regatas. Na Ponte do Imperador e em toda Rua da Frente, milhares de pessoas se aglomeravam para assistirem a passagem do Santo. O chique era as famílias da classe média alugarem carros de praça, por hora, percorrendo da Praça Fausto Cardoso à Praia Formosa e desembarcando no ponto de origem (MELINS, 2006, p. 69).

Como se pode perceber, a Festa de Bom Jesus dos Navegantes era um verdadeiro desfile de símbolos da modernidade: barcos luxuosos, roupas novas e requintadas e a maior novidade, carros para as famílias “tradicionalistas” acompanharem o cortejo pela Rua da Frente,

levando-se em conta que “no dia de Ano Novo, o motorista que não saía com sua família, alugava seu carro para os clientes acompanharem a procissão de Bom Jesus dos Navegantes” (MELINS, 2006, p. 75). Nas notícias dos jornais aracajuano da primeira metade do século XX, o que mais desperta a atenção é a insistência em afirmar que a festa ocorria dentro dos parâmetros de ordem. A procissão era o símbolo máximo do ingresso da capital sergipana nos trilhos do progresso, da modernidade e da civilização.

Bom Jesus dos Navegantes. Como de costume, será levada a efeito hoje a procissão marítima de Bom Jesus dos Navegantes. O cortejo sairá da Igreja Cathedral dirigindo-se para o ponto de embarque na Avenida Ivo do Prado, onde o andor será posto a bordo da lancha da Capitania dos Portos, embarcação em que percorrerá o itinerário habitual. Acompanhará a lancha um grande cortejo de embarcações a vela, a motor e a gasolina. A Capitania tem tomado as medidas necessárias afim de que tudo decorra em boa ordem (DINIZ, 1935, p.1).

A procissão estava associada ao anseio de ordem, de controle. As embarcações, assim como o andor, no dia primeiro de janeiro ficava sob a tutela da Capitania dos Portos, evidenciando a relação de proximidade entre Estado e Igreja, pois o cortejo também era acompanhado pela banda militar. Na procissão fluvial, o passado mítico era deixado em segundo plano, pois os pescadores que teriam clamado pela intervenção do Bom Jesus não aparecem como protagonistas, mas apenas com suas canoas dando corpo à procissão, que transcorre em “boa ordem”.

Isso me leva a problematizar o lugar da cultura popular no festa de Bom Jesus dos Navegantes. As transformações implicadas à festa tornaram-se o mecanismo eficiente de moralização das classes trabalhadoras, dos pobres do Aracaju, gerando as conseqüentes resistências. Todavia, seguindo a perspectiva defendida por Stuart Hall, não posso incorrer no equívoco de entender a cultura popular como as tradições populares de resistência, nem tampouco as formas que as sobressaem. A cultura popular “é o terreno sobre o qual as transformações são operadas” (HALL, 2003, p. 249).

#### **4. À guisa de uma conclusão**

Ao longo da primeira metade do século XX, grandes mudanças ocorreram no plano urbano aracajuano. Foi nesse contexto que as duas faces de Janus saíram da penumbra, revelando uma cidade construída sob a égide da modernidade, tendo como pilar a tradição festiva de um catolicismo barroco e emaranhado na cultura popular. É nesse cenário que se desenrolou a trama dos festejos natalinos, tecendo conceitos aparentemente discrepantes, mas, na prática, complementares. Na construção da cidade de Aracaju, a tradição foi o cimento em que se lançou os pilares da modernidade. Aracaju, com sua Colina do Santo Antônio e seus

pescadores devotos, tornou-se o palco perfeito para a consolidação de um discurso inovador em constante diálogo com as tradições inventadas, recriadas e esquecidas. Entender esses festejos significa mergulhar no universo da História Social da Cultura da capital dos sergipanos.

## Referências Bibliográficas

ABREU, Martha. **O Império do Divino: festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro, 1830-1900**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; São Paulo: Fapesp, 1999.

ALMEIDA, Aurélio Vasconcelos de. **Esboço Biográfico de Inácio Barbosa**. Vol. II. Aracaju: Sercore, 2002.

BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. 6ª Ed. São Paulo: Hucitec; Brasília: UNB, 2008.

CABRAL, Mário. **Roteiro de Aracaju**. 3ª ed. Aracaju: Banese, 2002.

CALASANS, José. Aspectos folclóricos da cachaça. **Revista de Aracaju**. Número 1. Aracaju, 1943.

CARVALHO NETO, Paulo de. **Folclore sergipano**. 2ª Ed. Aracaju: Sociedade Editorial de Sergipe, 1994.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: DIFEL, 1990.

DINIZ, Godofredo. **O Estado de Sergipe**. Nº 529, Aracaju, 01-01-1935, p. 1, col. 5.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador: uma história dos costumes**. Trad. Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes: as idéias e o cotidiano de um moleiro perseguido pela Santa Inquisição**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

GOMES, Ângela de Castro. Cultura política e cultura histórica no Estado Novo. In: SOIHET, Rachel; GONTIJO, Rebeca; GOMES, Ângela de Castro. **Cultura Política e leituras do passado: historiografia e ensino de História**. Rio de Janeiro: Faperj; Civilização Brasileira, 2007.

HOBSBAWM, Eric. Introdução: a Invenção das tradições. In: HOBSBAWM, Eric. RANGER, Terence. **A Invenção das Tradições**. Trad. Celina Cardim Cavalcanti. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1984.

HOBSBAWM, Eric. “A História de Baixo para Cima”. In: **Sobre História: Ensaios**. Trad. Cid Knipel Moreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 216-231.

HALL, Stuart. Notas sobre a desconstrução do “popular”. In: **Da Diáspora**. Belo Horizonte: EDUFMG, 2003.

LIMA, Zózimo. Como nasceu Aracaju. **Revista de Aracaju**. Número 2. Aracaju: Prefeitura Municipal de Aracaju, 1944.

MAIA, E. A origem das festas do Anno Bom em Aracaju, segundo um popular. **A República**. Aracaju, Ano IV, nº 923, 01-01-1935, p. 3, col. 2 e 3.



- MELINS, Murilo. **Aracaju romântica que vi e vivi**. Aracaju: UNIT, 2006.
- NASCIMENTO, Marcelo de C. **Ecos de uma tradição**: aspectos da festa do Senhor Bom Jesus dos Navegantes (1856-1910). São Cristóvão, 2002. 53f. Monografia (Graduação em História). UFS, 2002.
- POLLAK, Michel. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**. Vol. 2, nº 3, Rio de Janeiro, 1989.
- PORTO, Fernando. **Alguns nomes antigos do Aracaju**. 2ª Ed. Aracaju: J. Andrade, 2011.
- PORTO, Fernando. A Cidade do Aracaju: ensaios de evolução urbana (1855-865). **Revista de Aracaju**. Número 2, Aracaju, 1944.
- PORTO, Fernando; MAYNART, Pascoal D'Ávila; ALVES, João Oliva. Aracaju. In: FERREIRA, Jurandyr. **Enciclopédia dos Municípios Brasileiros**. Vol XIX. Rio de Janeiro: IBGE, 1959.
- RIBEIRO, José Freire. Pequenino filme da procissão do Senhor Bom Jesus dos Navegantes na cidade de Aracaju. **Revista de Aracaju**. Número 6. Aracaju, 1957.
- SAMPAIO, A. do Prado. Centenário de Aracaju. **Revista de Aracaju**. Número 5. Aracaju, 1954.
- SAMPAIO, José. Cadê você, Conceição? **Revista de Aracaju**. Aracaju, Ano XIX, nº 7, 1962.
- SANTOS, Magno Francisco de Jesus; SANTIAGO, Márcia Maria Santos. Desastre de Ano Bom: tristes lembranças da festa de Bom Jesus dos Navegantes em Aracaju em 1911. **Caderno de Cultura do Estudante**. Vol 5. São Cristóvão: UFS, 2006, p. 37-44.
- SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René. (Org). **Por uma história política**. Rio de Janeiro: FGV, 2007.
- SEBRÃO DE CARVALHO, José. Aracaju. **Revista de Aracaju**. Número 6. Aracaju, 1957.
- SOIHET, Rachel; BICALHO, Maria Fernanda Baptista; GOUVÊA, Maria de Fátima Silva Apresentação. SOIHET, Rachel; BICALHO, Maria Fernanda Baptista; GOUVÊA, Maria de Fátima Silva (orgs). **Culturas Políticas**: ensaios de História Cultural, História Política e ensino de História. Rio de Janeiro: Mauad, 2005.
- SOIHET, Rachel. Festa da Penha: resistência e interpenetração cultural (1890-1920). In: CUNHA, Maria Clementina Pereira. **Carnavais e outras F(r)estas**: ensaios de História Social da Cultura. Campinas-SP: Ed. Unicamp, 2002.
- THOMPSON, Edward. **As peculiaridades dos ingleses e outros artigos**. Trad. Antônio Luigi Nigro Silva. Campinas-SP: Unicamp, 2007.
- WALLE, Paul. **No Brasil, do Rio São Francisco ao Amazonas**. Tradução Oswaldo Biato. Brasília: Senado Federa, 2002.
- WYNNE, João Pires. **História de Sergipe**. 1930-1972. Rio de Janeiro: Pongette, 1973.